

Os riscos da pressa

A discussão sobre o padrão de TV digital a ser adotado no Brasil está ocupando insistentemente o noticiário nos últimos meses. Já houve, inclusive, quem noticiasse, procurando um destaque de reportagem, que um dos padrões em disputa já tinha sido definido pelo governo. O mal-entendido forçou o presidente a um constrangedo desmentido público.

Apesar da indiscutível importância que o tema possui para a população, o debate segue círculos fechados, numa linguagem predominantemente técnica e hermética em relação ao grande público.

De um modo geral, fala-se muito sobre o fato de termos três padrões em disputa: o japonês, o europeu e o norte-americano. Há ainda a especulação sobre a entrada de um possível quarto padrão, genuinamente brasileiro. Afora todas as especulações, o fato real é que toda a sociedade brasileira, e não apenas um grupo seleto de especialistas, precisa participar desse debate (que carece urgentemente de profundidade e seriedade).

Um relatório publicado pelo Congresso Nacional em setembro de 2001 relatava os testes realizados naquela época pela Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV) com o objetivo de subsidiar uma decisão futura sobre qual o padrão a ser adotado. O padrão japonês foi considerado tecnicamente superior, embora pesasse contra ele o fato de nenhum

outro país tê-lo adotado. Em contrapartida, os outros padrões, o europeu e o norte-americano, tinham a vantagem de já serem utilizados por um grande número de nações e desfrutarem de um público mais expressivo.

Para piorar esse quadro de indefinições, o Ministro das Comunicações está hoje defendendo abertamente o padrão japonês (preferido das emissoras de TV), argumentando que o padrão europeu (preferido das empresas de telefonia) ameaça o modelo de TV aberta e gratuita do país, disponível para mais de 85% da população. Os europeus se defendem, argumentando que essa afirmação é falsa e os norte-americanos, por sua vez, tentam garantir a disputa ofertando-nos a possibilidade de vendas de TVs produzidas no Brasil naquele mercado.

Em meio a gritante e grave falta de objetividade e clareza, o governo se preocupa em tomar uma decisão rápida, mas a rapidez aqui é um perigoso inimigo. Mesmo que concedamos que a escolha do padrão a ser aqui adotado é tão importante, e tudo indica que de fato ela é, mesmo assim essa decisão deve ser tomada com muito mais cautela. O ideal seria ouvir os diversos setores da sociedade, em vez de restringir o debate às empresas envolvidas. O fato é que a TV digital ainda é para poucos brasileiros, o que não justifica qualquer precipitação. A verdadeira prioridade neste momento é cuidar para que o grande público tenha acesso à discussão em curso.



Eduardo H. Diniz
FGV-EAESP